



XV encontro abralic
19 a 23
de setembro
UERJ

anais



Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC –
19 a 23 de setembro de 2016

ISSN: 2317-157X

Expediente

Diretoria do biênio 2016-2017

Presidente:

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

Vice-presidente:

Maria Elisabeth Chaves de Mello (UFF)

Primeira Secretária:

Elena C. Palmero González (UFRJ)

Segundo Secretário:

Alexandre Montauray (PUC-Rio)

Primeiro Tesoureiro:

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)

Segundo Tesoureiro:

Johannes Kretschmer (UFF)

Conselho Deliberativo:

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

Marlí Tereza Furtado (UFPA)

André Luís Gomes (UnB)

Allison Leão (UEA)

Ana Cristina Marinho (UFPB)

Antônio de Pádua Dias da Silva (UEPB)

José Luís Jobim (UFF)

Suplentes:

Diógenes Maciel (UFPB)

Marisa Lajolo (UNICAMP/Universidade Mackenzie)

Comissão Organizadora do XV

Encontro:

Alexandre Montauray (PUC-Rio)

Ana Cristina Santos (UERJ)

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)

Darcília Simões (UERJ)

Elena C. Palmero González (UFRJ)

Fábio André Coelho (UERJ)

Flavio García (UERJ)

João Cezar de Castro Rocha (UERJ)

Johannes Kretschmer (UFF)

Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)

Maria Elisabeth Chaves de Mello (UFF)

Nabil Araújo de Souza (UERJ)

Norma Lima (UERJ)

Patrícia Alexandra Gonçalves (UERJ)

Regina Michelli (UERJ)

Comitê Científico:

Adriana Amante (Universidade de Buenos Aires)

Anco Márcio (UFPE)

Boaventura de Sousa Santos (Universidade de Coimbra)

Carlinda Nuñez Fragale Pate (UERJ)

Eduardo Martins (USP)

Eurídice Figueiredo (UFF)

Fábio Almeida de Carvalho (UFRF-Roraima)

Germana Maria Araújo Salles (UFPA)

Giovanna Ferreira Dealtry (UERJ)

Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University)

Jeffrey Schnapp (Harvard University)

José Luís Jobim (UFF)

Kathrin Rosenfield (UFRGS)

Marcelo Pellogio (UFC)

Maria Aparecida Andrade Salgueiro (UERJ)

Marlí Tereza Furtado (UFPA)

Paulo Asthor Soethe (UFPR)

Roberto Acízelo Quelha de Souza (UERJ)

Roger Chartier (Collège de France)

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (USP)

Sandra Margarida Nitrini (USP)

Silvana Oliveira (UEPG)

Valdir Prigol (UFS)

William Johnsen (Michigan State University)

Zilá Bernd (UFRGS e UNILASALLE)

**A TRADUÇÃO DO ROMANCE "ISTORIA ODNOGO GORODA" A PARTIR
DE ESTUDOS DE CASO DE TEXTOS SATÍRICOS E PARÓDICOS**

Denise Regina de Sales (UFRGS)

Resumo: No romance *Istoria odnogo goroda*, Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin parodia o discurso histórico oficial para falar criticamente do presente por meio do passado. As tensões cômicas geradas pelo paralelo entre o livro de história tradicional e a reelaboração ficcional dos fatos dão o tom da narrativa. Paralelamente, observa-se a abordagem satírica de vícios e defeitos da sociedade em sua realidade cotidiana. A sátira política aos desmandos do governo tsarista e à postura submissa do povo governado inclui detalhes da vida russa do século XIX, compondo um quadro tanto ficcional quanto documental. Dadas essas características e considerando que a compreensão da paródia e da sátira pressupõem o conhecimento, respectivamente, do texto parodiado e do objeto satirizado, como garantir algum grau de entedimento a um leitor que não tem as referências evocadas pelo autor do original? Mais concretamente: como traduzir *Istória odnogo goroda* do russo para o português? Apresentaremos aqui reflexões sobre a tradução de textos satíricos e paródicos da literatura russa em geral a partir da experiência de tradução do romance de Saltykov-Schedrin para o português. Projetamos uma pesquisa futura das normas de tradução desses textos, tendo aqui o termo “norma” conforme definição de Gideon Toury, para quem a tradução, em sua dimensão sócio-cultural, pode ser descrita como submetida a restrições, ou normas, de vários tipos e graus. O estudo das normas é feito a partir dos textos traduzidos e também dos *normative pronouncements* ou fontes secundárias – prefácios, posfácios, introduções e outros textos escritos por tradutores para explicar o próprio fazer tradutório; resenhas e críticas de tradução; e similares.

Palavras-chave: Saltykov-Schedrin. Literatura russa. Sátira. Paródia. Tradução.

A TRADUÇÃO DO ROMANCE "ISTORIA ODNOGO GORODA" A PARTIR DE ESTUDOS DE CASO DE TEXTOS SATÍRICOS E PARÓDICOS

Denise Regina de Sales (UFRGS)

Esta comunicação reúne reflexões feitas durante o ato de traduzir e no decorrer da pesquisa e do ensino em campos distintos dos Estudos de Tradução, em seus ramos teórico e aplicado, conforme o mapa de Holmes relido por Gideon Toury (TOURY, 1995, p. 7-19). O momento inicial dessas reflexões deu-se no processo de tradução do romance *Istoria odnogo goroda (História de uma cidade)*, de Mikhail Evgráfovitch Saltykov-Schedrin, quando se observaram várias soluções possíveis para expressar no português brasileiro recursos literários da sátira e do humor do texto russo. Hoje parece claro que certa hesitação ou insegurança surgia não de uma dificuldade, mas da premência de uma escolha diante de uma variedade de opções.

História de uma cidade consiste em capítulos relativamente independentes, constituídos de crônicas de uma região habitada, inicialmente, por tribos nômades. Em constante luta, essas tribos careciam de organização administrativa e política e viviam em completa desordem.

Havia, diz ele, na antiguidade, um povo chamado bate-cabeça, e vivia ele no Norte distante, lá, onde historiadores e geógrafos gregos e romanos supunham a existência do mar Hiperbóreo. Bate-cabeça era denominada essa gente porque tinha o hábito de bater a cabeça em tudo o que encontrava pelo caminho. Topavam com uma parede – batiam a cabeça nela; faziam preces a Deus – batiam a cabeça no chão. Na vizinhança dos bate-cabeça vivia um monte de tribos independentes, mas delas apenas as mais notáveis foram nomeadas pelo cronista, a saber: papa-morsas, papa-cebolas, papa-sopas, pés-de-uva, traquinas, favas-girantes, sapudos, pés-duros, negricéus, lixa-madeiras, cabeças-rachadas, gera-cegos, bocós, orelhas-caídas, panças-tortas, pega-peixes, trás-da-porta, migalhudos, mete-a-mão. (SALES, 2010, p. 26-7)¹

Sem pretender esgotar o assunto, quais seriam aqui as opções de tradução dos nomes das tribos (bate-cabeça, papa-morsas, sapudos etc.; em russo *головатыпы* [golovatiapy], *моржееды* [morjeiedy], *лягушечники* [liaguchetniki])? Transliterar os nomes; transliterar e colocar uma nota ou aposto para explicar o significado; traduzir. Por mais simples que pareçam, cada uma dessas opções abre um leque de outras opções

¹ Foram suprimidas as notas de rodapé desse trecho da tese.

possíveis. Na primeira, qual seria a forma de transliteração? No Brasil convivem várias tabelas de transliteração do russo para o português, adotadas por editoras, cursos de russo, tradutores e pesquisadores isolados. Na segunda, além da escolha inicial, nota de rodapé, nota de fim de livro, aposto no próprio texto com ou sem marcas, será preciso decidir também qual informação fornecer: a acepção literal do substantivo? O modo de sua formação e o significado de suas partes? O fato de que, em russo, todos esses nomes existiram realmente, não foram inventados pelo escritor, mas pesquisados em dicionários e livros de história? E, no último caso, como traduzir? Bate-cabeça, bate-coco, batedor-de-cabeça, isso só para ficar em soluções semelhantes àquela adotada no trecho citado.

Trabalhar no campo das possibilidades seria, portanto, extenuante e infrutífero, uma vez que cada uma das opções abre uma série de outras, ao mesmo tempo em que fecha a porta para várias outras. A tradução como processo decisório, no modelo de Jiri Levý, explica bem esse mecanismo. Na tomada de decisões, o tradutor realiza movimentos semelhantes aos do xadrez – as alternativas escolhidas predeterminam, sucessivamente, o rumo do texto de chegada.

Para o tradutor, uma ferramenta útil poderia ser um guia descritivo das soluções adotadas em textos literários similares por colegas que tiveram de lidar com o par linguístico russo-português. Essa é uma das frentes de pesquisa. O modelo dos Estudos Descritivos permite mapear as soluções tradutórias e, posteriormente, sistematizar e ordenar os resultados em um material de consulta para tradutores.

Com base nesse *corpus*, haveria a possibilidade de lidar também com a questão das normas. Considerando a tradução como uma atividade regida por normas, seria possível estabelecer, diacronicamente, regras que orientaram e orientam a tradução da literatura satírico-humorística do russo para o português, identificar tendências antigas (obsoletas), atuais (da moda) e progressistas (de vanguarda). No campo dos onomásticos e topônimos, talvez seja possível falar em norma obsoleta (traduzir não só os nomes de personagens, mas também dos autores: Leão Tolstói, Máximo, o Amargo etc.) e norma atual (não traduzir, só transliterar). No passado, meados do século XX, era mais comum a tradução de nomes de autores e personagens do que hoje (nesse contexto, por ser minoritária e antiga, fazia parte do grupo das normas obsoletas). Em que norma seria inserida a tradução de *História de uma cidade* como mostrada aqui?

O exemplo dos nomes serve apenas de ilustração, há uma gama enorme de questões ligadas ao riso e à sátira que caberiam em um estudo desse tipo. Como têm

sido traduzidas categorias como ironia, humor, sarcasmo etc.? Há ou não normas específicas para esses textos? Se a tradução é um fato da cultura receptora (TOURY, 1995, 24-39) e a sátira e a paródia pressupõem o conhecimento da realidade satirizada e da obra parodiada, como o tradutor lida com essa questão? Ele fornece ou não ao leitor da cultura receptora dados de referência? E onde aparecem esses dados?

Uma solução muito adotada atualmente, em função da maior visibilidade do tradutor e das questões tradutórias, é incluir informações a esse respeito em prefácios ou posfácios. Decorre disso, com certeza, a importância de se investigar os paratextos ou fontes secundárias, ainda que com certa reserva. Na obra satírica *O tenente Quetange*, o prefácio de Boris Schnaiderman mostra a importância da referência histórica para o texto satírico e uma particularidade da edição brasileira em consequência da tradução do título.

Contando uma historietta sobre o reinado de Paulo ou Pável I (1796-1801), Iúri Tyniánov na realidade trazia à baila o grande paradoxo da história russa, pois aquele reinado constituiu um aguçamento, uma exasperação de tudo o que havia de insânia na existência do imenso país subdesenvolvido e que se tornara, no século XVIII, uma das potências militares no jogo de por na Europa e no mundo. [...]

A publicação brasileira apresenta uma característica peculiar. O conto é conhecido no Ocidente como *O tenente Kije*, e o título também aparece tradicionalmente nas apresentações da suíte que Prokófiev compôs com o seu argumento. O português nos permite, no entanto, uma solução melhor.

Esse Kije surge no texto em consequência de uma distração do escrivão sonolento que, em lugar de “podporútchiki jé”, escreve na minuta de um decreto “podporútchik Kije”, isto é, a expressão “No que tange aos Segundos-Tenentes...” fica substituída por “o Segundo-Tenente Kije”. E esse texto, sacramentado com a assinatura imperial, acaba tornando obrigatória a existência do Tenente. (TYNIÁNOV, 2002, p. 14, 20-1)

Em *A briga dos dois Ivans*, de Nikolai Gógol, a tradutora Graziela Schneider aproveita a nota de rodapé para contar ao leitor o mecanismo subjacente à sua opção tradutória. No trecho: “– E o senhor, Ivan Ivánovitch, é uma verdadeira *raposa velha*”, ela inclui a seguinte explicação:

Optei por mudar a palavra “rycak” (gussák), “ganso”, que em russo pode ter vários sentidos, como: nome do animal ganso; chamar alguém de animal; ideia figurativa de pavão, pavonear-se. Figurativamente também pode ter outras acepções, como: pessoa tola; arrogante, soberba, insolente; palavra usada para repreender, censurar, xingar, praguejar; palavrão. Por fim, pode ter o sentido indireto de se

fazer de bobo, de desentendido; de enganar, mentir; de “dar um jeito”, por isso a solução encontrada foi raposa velha. (GÓGOL, 2014, p. 31)

Embora falar em normas possa parecer indicar uma orientação normativa, lembramos que o próprio Toury chama atenção para o fato de que o comportamento não normativo é sempre possível. Ao escolher esse caminho, o tradutor terá de pagar um preço, que varia desde a necessidade de submeter o texto traduzido a uma revisão até o extremo de manchar a boa imagem profissional e perder ofertas de trabalho. De qualquer modo, nesse aspecto, estão envolvidas questões como a definição da “autoridade”, ou seja, quem está autorizado por determinada cultura a violar as normas de tradução e sob quais circunstâncias isso é permitido (TOURY, 1995, p. 64).

A leitura de textos teóricos sobre as normas levou à descoberta de uma terceira rota de estudo na interface entre os Estudos de Tradução e os Estudos Lexicais. Hoje bem explorada na elaboração de dicionários voltados para tradutores, com a respectiva situação de uso e contexto dos termos ou verbetes, ela pode se ampliar ainda mais pelo estudo de itens lexicais específicos de textos traduzidos (TOURY, 1995, p. 206-20). São três as principais frentes: palavras incomuns que fazem parte do léxico, mas são pouco usadas em textos não traduzidos e até são específicas de textos traduzidos de certas línguas; combinações incomuns de palavras que fazem parte do léxico da cultura receptora, mas que, em textos originalmente escritos na língua de chegada, não se combinam dessa maneira; e palavras novas, estrangeirismos em suas várias fases de assimilação.

Por enquanto sem nenhum rigor científico, apenas a título de exemplificação pela experiência acumulada na atividade da tradução, teríamos como candidatas a investigação, por exemplo, *вот* [vot], *лес* [les], *заниматься* [zanimátsia] e *деревня* [derevnia], de acordo com as hipóteses listadas a seguir. “Vot”, geralmente traduzido por “eis” (primeira tradução no dicionário russo-português Voinova), dá ao texto em português uma marca de tempo e estilo bem diferente daquela presente no russo. Por ser de uso muito frequente em russo, “contamina” a tradução e aparece nela com mais frequência do que em textos escritos originalmente em português na época atual. “Les”, geralmente traduzido por “bosque” (terceira tradução no dicionário Voinova), aparece em traduções do russo de modo mais amplo do que em textos originalmente escritos em português, sendo que, nesses últimos, a sua presença está mais relacionada à literatura infantil ou a contos de fadas. “Zanimátsia”, geralmente traduzido por “ocupar-se” (primeira tradução no dicionário Voinova), é usado em russo para qualquer tipo de

atividade, trabalho, estudo, lazer etc. Na tradução do russo para o português, “ocupar-se” aparece com mais frequência do que em textos escritos originalmente em português, nos quais é mais comum o uso do verbo específico da atividade realizada. “Drevenia”, geralmente traduzido por aldeia (primeira tradução do dicionário Voinova), tem também o sentido mais amplo de interior, ou seja, de cidades pequenas em oposição a grandes centros ou a capitais. A tradução por aldeia às vezes é questionada por leitores que dizem relacionar “aldeia” em português apenas a índios.

Nesse aspecto lexical, os problemas colocam-se da seguinte forma: há um comportamento padrão de tradutores do russo para o português no que diz respeito a essas palavras? Comparado a um *corpus* de controle originalmente escrito em português, o *corpus* de textos traduzidos do russo apresenta maior incidência das palavras eis, bosque, ocupar-se e aldeia?

Referências

Gógol, N. *A briga dos dois Ivans*. Trad. Graziela Schneider. São Paulo: Grua Livros, 2014.

Levý, J. “Translation as a decision process/A tradução como um processo de tomada de decisão”. Trad. Gustavo Althoff e Cristiane Vidal. In: *Scientia Traductionis*, n. 11, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2012n11p72/22525> Consulta feita em 01/fev/2013.

Sales, D. R. de. *A sátira de Saltykov-Schedrin em História de uma cidade*. 304 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

Saltykov-Schedrin, Mikhail Evgráfovitch. *Istoria odnogo goroda* [História de uma cidade]. In: *Sobranie Sotchineni*. V. 8. Moscou: Khudojestvenaia Literatura, 1969.

Toury, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

Tyniánov, I. N. *O tenente que tange*. Trad. Aurora Bernardini. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Voinova, Natalia Iaroslavna; Starets, Semion Markovitch; Verkhucha, Vassili Mikhailovitch; Zditovetski, Aleksandr Grigorievitch. *Dicionário russo-português*. Moscou/Lisboa: Russki Yazik/Ulmeiro, 1989.